



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

v.5 - n.10 - Janeiro - Junho 2010

Semestral

Artigo:

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESCOLAR SOB A ÓTICA DA PSICOPEDAGOGIA

Autora:

Fabiana Fagundes Brambatti¹

¹ Pedagoga. Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia/IDEAU. Coordenadora Pedagógica – Projeto Trampolim (ASSEC). Rua Senador Salgado Filho, nº 26/1- Centro – Getúlio Vargas/RS. CEP: 99900-000. E-mail: fabibrambatti@yahoo.com.br.

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESCOLAR SOB A ÓTICA DA PSICOPEDAGOGIA

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1987, p.13).

Resumo: Desta forma, procura-se evidenciar a importância da parceria família x escola, pois vive-se numa época em que a conturbação e a desintegração dos valores são os maiores obstáculos para o ser humano. A sociedade fundamenta-se no individualismo e o coletivo fica banido a uns poucos sobreviventes. As crianças e adolescentes inseridos nesse contexto sofrem sequelas de um mundo dominador. E sendo seres sociais por si mesmo, sofrem quando não conseguem desenvolver suas potencialidades. Considerando a escola responsável por grande parte da formação do ser humano, o trabalho psicopedagógico na instituição escola tem caráter preventivo no sentido de procurar criar competências e habilidades para solução dos problemas com esta finalidade e em decorrência do grande número de crianças com dificuldades de aprendizagem e de outros desafios que englobam a família e a escola. A intervenção psicopedagógica ganha, atualmente, espaço nas instituições de ensino. Este artigo surgiu da preocupação existente diante das dificuldades dos alunos em construir seus próprios conhecimentos por meio de estímulos e tem justamente o objetivo de fazer uma abordagem sobre a educação e a importância do psicopedagogo diante da instituição escolar.

Palavras-chave: Família. Filhos. Aprendizagem. Psicopedagogia.

Abstract: This way, it's tried to evidence the importance of family versus school because we live in times that disturbance and disintegration of values are the biggest obstacles for the human being. The society is based on individualism and the community group is banned to some survivors. The kids and adolescents inserted in this context suffer negative outcomes from a dominant world and as they are social creatures living by themselves, they suffer when they can't develop their abilities. Considering the school as responsible for a great part of the human being formation, the psycho pedagogic work in schools has a preventable character in order to try to create competences and abilities for the solution of the problems with this purpose and because there's a high number of children with learning difficulties and other challenges that involve the family and the school. Nowadays, the psycho pedagogic intervention takes spaces in teaching institutions. This article appeared from the existing concern before the students' difficulties in building their own knowledge through stimulation and it aims to make an approach about education and the psychopedagogy professional importance to schools.

Key words: Family. Children. Learning process. Psychopedagogy.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade moderna vive uma crise de valores éticos e morais sem precedentes. Essa é uma constatação que nada tem de original, pois todos a estão percebendo e vivenciando de alguma maneira. O fato também não é nenhuma surpresa, pois é na escola que essa crise acaba, muitas vezes, ficando em maior evidência.

Nunca na escola se discutiu tanto, quanto hoje, assuntos como falta de limites, desrespeito na sala de aula e desmotivação dos alunos. Nunca se observou tantos professores cansados, estressados e, muitas vezes, doentes física e mentalmente. Nunca os sentimentos de impotência e frustração estiveram tão marcantemente e presentes na vida escolar.

Por essa razão, dentro das escolas as discussões que procuram compreender esse quadro tão complexo e, muitas vezes, caótico, no qual a educação se encontra mergulhada, são cada vez mais frequentes. Professores debatem formas de tentar superar todas essas dificuldades e conflitos, pois percebem que se nada for feito em breve não se conseguirá mais ensinar e educar.

A questão que se impõem é: até quando a escola sozinha conseguirá levar adiante essa tarefa? Ou melhor, até quando a escola vai continuar assumindo isoladamente a responsabilidade de educar?

São questões que merecem, por parte de todos os envolvidos, uma reflexão, não só mais profunda, mas também mais crítica. É, portanto, necessário refletir sobre os papéis que devem desempenhar nesse processo a escola e, conseqüentemente, os professores, mas também não se pode continuar ignorando a importância fundamental da família na formação e educação de crianças e adolescentes.

Entretanto, é importante compreender que, apesar de todas as situações aqui expostas, o objetivo não é o de condenar ou julgar. Se esta apenas demonstrando que, ao longo dos anos, gradativamente a família, por força das circunstâncias, tem transferido para a escola a tarefa de formar e educar. Entretanto, essa situação não mais se sustenta. É preciso trazer, o mais rápido possível, a família para dentro da escola. É preciso que ela passe a colaborar de forma mais efetiva com o processo de educar. É preciso, portanto, compartilhar responsabilidades e não transferi-las.

Segundo Paulo Freire: “A mudança é uma constatação natural da cultura e da história. O que ocorre é que há etapas, nas culturas, em que as mudanças se dão de maneira acelerada” (1999, p.30). E dentro dessa conjuntura está a família e a escola. Ambas tentando encontrar caminhos em meio a esse emaranhado de escolhas, que esses novos contextos, sociais, econômicos e culturais, nos impõem.

Como forma de prevenção para o fracasso escolar, situa-se, nesta parte, o foco no necessário entendimento do que seria a atuação do psicopedagogo dentro desta perspectiva preventiva. Por isso, o psicopedagogo deve trabalhar em conjunto com a família, a escola e outros profissionais ou instituições envolvidas, para poder chegar a um consenso a respeito dos problemas e das possibilidades de soluções. São questões como essas que merecem a atenção do psicopedagogo, e podem transformá-lo num mediador entre o aluno, a escola e a família, tanto instrumentalizando esse aluno para sua inclusão no sistema de ensino, como instrumentalizando as instituições no sentido de relativizar as expectativas.

2 A IMPORTÂNCIA DOS PAIS NA FORMAÇÃO DE SEUS FILHOS

Não é de hoje que se discute a relação escola x família no meio acadêmico, escolar e social. A nova dinâmica familiar impõe que tradicionais modelos e padrões, seguidos por séculos, se desfaçam em curto período de tempo. Uma das expressivas mudanças, que se refletiu diretamente na escola, é a nova concepção de família. Atualmente, existem famílias dentro de famílias. Com as separações e os novos casamentos, aquele núcleo familiar mais tradicional tem dado lugar a diferentes famílias vivendo sob o mesmo teto. Esses novos contextos familiares geram, muitas vezes, uma sensação de insegurança e até mesmo de abandono, pois a ideia de um pai e de uma mãe cuidadores dá lugar a diferentes pais e mães “gerenciadores” de filhos que nem sempre são seus. Segundo Ackerman, o momento histórico em que nos encontramos,

tem alterado a configuração da vida familiar e tem abalado os padrões estabelecidos de Indivíduo, Família e Sociedade. [...] Seres humanos e relações humanas foram lançados em um estado de turbulência, enquanto a máquina cresce muito, à frente da sabedoria do homem sobre si mesmo. A redução do espaço e a intimidade forçada entre as pessoas vivendo em culturas em conflito exigem um novo entendimento, uma nova visão das relações do homem com o homem e do homem com a sociedade (1986, p. 17).

De acordo com a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², 47% dos domicílios organizam-se de formas nas quais no mínimo um dos pais está ausente. Ou seja, quase metade das famílias brasileiras não corresponde mais ao modelo secular “pai, mãe e filhos”.

Somada a isso está à redução do tempo livre familiar, consequência das exigências do competitivo mercado de trabalho e o modelo nuclear de família, onde há pouco contato com outros grupos, como parentes, por exemplo. Isso faz com que a escola seja o meio do caminho entre a família e a sociedade. Porém, tanto a família quanto a escola precisam se adequar a estes novos papéis, sem demandar responsabilidade excessiva ao outro, nem ignorar a importância da sua participação no processo educacional, salientando que a comunicação entre estes dois atores sociais é imprescindível tanto quanto a aceitação e compreensão das suas diferenças. Observa-se que uma das mudanças mais significativas é a forma como a família atualmente se encontra estruturada. Aquela família “tradicional”, construída de pai, mãe e filhos tornou-se uma raridade.

² EDUCAÇÃO, em revista. **Escola e família: limites desta relação**. Porto Alegre: Ano XI / nº66 / fev/mar 2008

No que se refere à família, é necessário dizer que a historiografia brasileira nos leva a concluir que não existe um “modelo de família” e sim uma infinidade de modelos familiares, com traços em comum, mas também guardando singularidades. É possível dizer que cada família possui uma identidade própria, trata-se na verdade, como afirmam vários autores, de um agrupamento humano em constante evolução, constituído com o intuito básico de dispor a subsistência de seus integrantes e protegê-los.

Estão presentes dessa maneira, sentimentos pertinentes ao cotidiano de qualquer agrupamento como amor, ódio, ciúme, inveja, entre outros. Em relação às expectativas da família com relação à escola com seus filhos, encontram-se várias fantasias familiares como o desejo de que a instituição escolar “edueque” o filho naquilo que a família não se julga capaz, como, por exemplo, limite e sexualidade; e que ele seja preparado para obter êxito profissional e financeiro via de regra ingressando em uma boa universidade.

Sem dúvida, esse contexto é perpassado por questões de diferentes naturezas, entre as quais os dilemas do desempenho curricular a serem propostos na contemporaneidade, os impasses da escolha dos encaminhamentos metodológicos mais adequados as relações de ensino, os limites e possibilidades da manutenção de uma relação professor/aluno com qualidade e a família é considerada peça chave nesse momento de crise.

Ao lado da família, a escola permanece sendo um espaço de formação que deve, para tanto, repensar a sua ação formadora, preocupando-se em formar seus educadores para que os mesmos reúnam recursos que os permitam lidar com os conflitos inerentes ao cotidiano escolar. É, portanto, na escola, refletindo sobre o que há para ser ensinado às crianças, sobre a metodologia que pode tornar mais coesa a ação do conjunto docente, que a escola poderá encontrar saídas legítimas à superação dos problemas morais e éticos que assolam o seu dia a dia. Assim, é fundamental que conheçamos os alunos e as famílias com as quais lidamos. Sobretudo que conheçamos quais são suas dificuldades, seus planos, seus medos e anseios. Enfim, que características e particularidades marcam a trajetória de cada família e conseqüentemente, do educando a quem atendemos. Estas informações são dados preciosos para que possamos avaliar o êxito de nossas ações enquanto educadores, identificar demandas e construir propostas educacionais compatíveis com a nossa realidade. Segundo Tedesco:

Essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar. Num sentido mais geral e mais profundo, produziu-se uma nova dissolução entre família e escola, pela qual as crianças chegam à escola com um núcleo básico de desenvolvimento da personalidade caracterizado seja pela debilidade dos quadros de

referência, seja por quadros de referência que diferem dos que a escola supõe e para os quais se preparou (2002, p.36).

Definindo escola como uma instituição social que se caracteriza como um local de trabalho coletivo voltado para a formação das jovens gerações, diferente de outras tantas instituições sociais, constata-se que a escola é responsável pela educação escolar, é um espaço destinado ao trabalho pedagógico formal, ao entendimento de regras, à formação de valores éticos, morais e afetivos, ao exercício da cidadania. Porém, quanto falta ao educando/filho um ambiente familiar saudável e equilibrado, no qual ele convive com uma desestrutura familiar (ausência de pai, de mãe), ele se deixa levar pelo impulso em direção da irresponsabilidade ou inconsequência, gerando assim ações inadequadas e insensatas que irão desorganizar e prejudicar a formação do seu caráter e da sua personalidade. Quando a escola é despreparada tanto no seu quadro funcional, como também não cumpre o seu papel social na formação do educando, verifica-se que se têm a partir desse desinteresse escolar/pedagógico indivíduos desestimulados e incapazes de prosseguirem em busca do seu lugar na sociedade. Gerando assim, alunos desmotivados, indisciplinados e com baixa auto estima.

Toda essa situação acaba gerando uma série de sentimentos conflitantes, não só entre pais e filhos, mas também entre os próprios pais. E um dos sentimentos mais comuns entre estes é o de culpa. É ela que, na maioria das vezes, impede um pai ou uma mãe de dizer não as exigências de seus filhos. É ela que faz um pai dar ao seu filho tudo o que ele deseja, pensando que assim poderá compensar a sua ausência. É a culpa que faz uma mãe não avaliar corretamente as atitudes de seu filho, pois isso poderá significar que ele não esteve suficientemente presente para corrigi-las.

Enfim, é a culpa de não estar presente de forma efetiva e construtiva na vida de seus filhos que faz, muitas vezes, um pai ou uma mãe ignorarem o que se passa com eles. Assim, muitos pais e mães acabam tornando-se reféns de seus próprios filhos. Com receio de contrariá-los, reforçam atitudes inadequadas e, com isso, prejudicam o seu desenvolvimento, não só intelectual, mas também, mental e emocional. Cury salienta que:

Pais que não tem coragem de reconhecer seus erros nunca ensinarão seus filhos a enfrentar seus próprios erros e a crescer com eles. Pais que admitem que estão sempre certos nunca ensinarão seus filhos a transcender seus fracassos. Pais que não pedem desculpas nunca ensinarão seus filhos a lidar com a arrogância. Pais que não revelam seus temores terão sempre dificuldades de ensinar seus filhos a ver nas perdas oportunidades para serem mais fortes e experientes (2003, p.39).

A família deve, portanto, se esforçar em estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos. Presença que implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Deve estar atenta a dificuldades não só cognitivas, mas também comportamentais. Estar pronta para intervir da melhor maneira possível, visando sempre o bem de seus filhos, mesmo que isso signifique dizer sucessivos “nãos” às suas exigências. Educar, portanto, não é uma tarefa fácil, exige muito esforço, paciência e tranquilidade. Exige saber ouvir, mas também fazer calar quando é preciso educar. O medo de magoar ou decepcionar deve ser substituído pela certeza de que o amor também se demonstra sendo firme no estabelecimento de limites e responsabilidades. Deve-se fazer ver as crianças e jovens que direitos vêm acompanhados de deveres e para ser respeitado, deve-se também respeitar.

Nesse sentido, sem renunciar do lugar reservado ao ensino formal, é preciso que os espaços destinados à formação dos educadores no interior da escola deem, também, prioridade à reflexão político-filosófica sobre os sentidos e possibilidades da ação educacional para que se possa, desta feita, recuperar ou constituir um novo ideário para a escola.

A escola não é a única instância de formação de cidadania. Mas, o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade depende cada vez mais da qualidade e da igualdade de oportunidades educativas. Formar cidadãos na perspectiva aqui delineada supõe Instituições onde se possa resgatar a subjetividade inter-relacionada com a dimensão social do ser humano, em que a produção e comunicação do conhecimento ocorram através de práticas participativas e criativas.

Estudos realizados, em vários países, nas últimas três décadas, mostraram que, quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento escolar. De todas as variáveis estudadas, o envolvimento dos pais no processo educativo foi a que obteve maior impacto, estando esse impacto presente em todos os grupos sociais e culturais.

Não há uma única maneira correta de envolver os pais. As escolas devem procurar oferecer um menu que se adapte as características e necessidades de uma comunidade educativa cada vez mais heterogênea. A intensidade do contato é importante e deve incluir reuniões gerais e o recurso à comunicação escrita, mas, sobretudo os encontros desses agentes (escola e família). Intensidade e diversidade parecem ser as características mais marcantes dos programas eficazes.

Nada é pior para o bem estar e desenvolvimento das crianças e dos jovens do que a ausência de referências seguras e a privação do contato continuado e duradouro com adultos significativos. Quando os pais, por motivos relacionados com o mercado de trabalho e o

afastamento do local de trabalho da sua área de habitação, não dispõem de tempo para estar com os filhos, deixando, por isso, de tomar as decisões em comum, as crianças e os jovens são obrigados a crescerem com a ausência de referências culturais seguras. Essa ausência de referências faz aumentar a necessidade de os professores criarem programas que aproximem as escolas das famílias, contribuindo para a recriação de pequenas comunidades de apoio aos alunos que sejam uma presença forte na vida deles.

Quando os valores da escola coincidem com os valores da família, quando não há rupturas culturais, a aprendizagem ocorre com mais facilidade. Nas comunidades homogêneas, em que os professores partilham os mesmos valores, linguagem e padrões culturais dos pais dos alunos, está garantida a continuidade entre a escola e a família. Contudo, são cada vez mais as escolas com populações estudantis heterogêneas, nas quais os professores e os pais têm raízes culturais diferentes, provocando, nos alunos, dificuldades de adaptação.

A ausência de linha divisória separando as atribuições de cada instituição, neste caso escola e família, propicia espaço de conflitos e equívocos. Como, por exemplo, a escola ser extensão da casa dos alunos, sem pai e mãe disponíveis para acompanhar a vida cotidiana de seus filhos, a escola tornou-se lugar privilegiado e seguro para a família depositar aquilo que não pode mais fazer, que é educar os filhos.

As escolas devem ser lugar confiável para a sociedade, e não espaço de barganhas ou acertos, uma vez que é a base fundadora da vida cidadã e formativa de todos os sujeitos. Pais que não sabem serem pais, que vivem tratando seus filhos como bibelôs e escolas que se assemelham à casa da vovó, onde pode tudo, sem regras e normas, precisam acabar, ou continuaremos a ter professores parentes e pais gestores de escola. A instituição de ensino deve ter clareza quanto às suas funções e respeitar os limites entre estas e as responsabilidades educacionais da família. A busca por suprir os papéis familiares impede que ela exerça adequadamente a sua função. Da mesma forma, é imprescindível a família respeitar a autoridade escolar e não proteger seus filhos das regras e normas escolares.

Ao propor uma reflexão sobre "Escola e família: uma relação de ajuda na formação do ser humano" constata-se que é tarefa primordial tanto dos pais, como também da escola o trabalho de transformar a criança imatura e inexperiente em cidadão maduro, participativo, atuante, consciente de seus deveres e direitos, possibilidades e atribuições. E que este ser em formação seja futuramente um cidadão consciente, crítico e autônomo desenvolvendo valores éticos, espírito empreendedor capaz de interagir no meio em que vive.

Nessa perspectiva, família e escola devem aproveitar, ao máximo, as possibilidades de estreitamento de relações, porque o ajuste entre ambas e a união de esforços para a educação das crianças e adolescentes deve redundar, sem dúvida nenhuma, em elemento facilitador de aprendizagens e de formação do cidadão.

Dessa forma, sugere-se que a escola sinta-se desafiada a repensar a prática pedagógica, considerando que os estudantes são crianças/adolescentes que apresentam características singulares e que se faz necessário manter um trabalho em parceria com as famílias, pois, se a escola deseja ter uma visão integral das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que deve desempenhar o bem estar, englobando as diversas dimensões do ser humano. Visto que se crianças/adolescentes e sua família sabem aonde a escola quer chegar, se estão envolvidos no dia a dia de que são os principais beneficiários, poderão participar com mais investimentos e autonomia na busca do sucesso nessa empreitada que é o aprender e, principalmente, na formação de um ser humano que desenvolva suas potencialidades físicas, espirituais e funcionais, através de trabalhos criativos, envolvendo também o meio social no qual vivem, acompanhando a modernidade e evolução do mundo.

3 A PSICOPEDAGOGIA NAS RELAÇÕES: FAMÍLIA E A ESCOLA

A partir da proposta inicial de estar tecendo algumas ideias sobre as possibilidades da atuação da psicopedagogia como forma de prevenção para o fracasso escolar, nesta parte, destaca-se um melhor entendimento de que seria a atuação do psicopedagogo dentro desta perspectiva preventiva na relação família e a escola.

Dessa forma propõe-se inicialmente, uma busca por algumas definições acerca da psicopedagogia com o intuito de estar sensibilizando o olhar para novas possibilidades, contribuindo no processo de ensino aprendizagem.

Assim Golbert traz a seguinte contribuição:

[...] O objeto de estudo da Psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico. O enfoque preventivo considera o objeto de estudo da Psicopedagogia o ser humano em desenvolvimento, enquanto educável. Seu objeto de estudo é a pessoa a ser educada, seus processos de desenvolvimento e as alterações de tais processos. Focaliza as possibilidades do aprender, num sentido amplo. Não deve se restringir a uma só agência como a escola, mas ir também à família e à comunidade [...] (1985, p.13).

Conforme afirmado acima é importante e necessário que se permita estar em conexão com variadas relações no intuito de entender as possibilidades de abordagem do trabalho psicopedagógico. Com isso, vem reforçar também, a ideia da prevenção na psicopedagogia e mostra como esta deve estar interligada com os olhares da psicologia, pedagogia, fonoaudiologia, sociologia, antropologia, enfim possibilitando uma conexão contínua com o objetivo de entender o paciente na sua complexidade e ao mesmo tempo na sua singularidade.

São várias as definições de psicopedagogia ou tentativas organizadas de se conceituá-la. Essas definições foram sendo construídas também ao longo de um processo histórico.

E é nesse ponto que se acredita na possibilidade de encontrar um caminho para a estruturação de um trabalho preventivo na sala de aula. O psicopedagogo atuaria em conjunto com o educador no sentido de estarem fornecendo subsídios, elementos estruturais (teórico-prático) para que essa visão abrangente pudesse ser internalizada por aquele que ali, naquele espaço, exerce a condição de mediador do conhecimento.

O percurso feito minimamente até aqui nos mostra o quanto o momento atual sinaliza para que estejamos todos envolvidos, atentos a tudo que está ao redor, que seria o contexto que ele, o sujeito está inserido. Seria isso tarefa tão difícil nos espaços de aprendizagem? Seria isso trabalho tão árduo de se fazer junto às comunidades e familiares do sujeito colocado em questão?

Caminhos. Isso é o que deve se buscar sempre. Através da reflexão constante, da auto avaliação, da busca por informações, por suporte teórico que possibilite um maior embasamento, segurança no agir, liberdade no mediar e felicidade e realização em poder contribuir de alguma forma em todo o processo.

Esse é o papel inicial do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem: fazer uma análise da situação para poder diagnosticar os problemas e suas causas. Ele levanta hipóteses através da análise de sintomas que o indivíduo apresenta, ouvindo a sua queixa, a queixa da família e da escola; além de resgatar a história de vida do sujeito.

Para isso, torna-se necessário conhecer o sujeito em seus aspectos neurofisiológicos, afetivos, cognitivos e sociais, bem como entender a modalidade de aprendizagem do sujeito e o vínculo que o indivíduo estabelece com o objeto de aprendizagem, consigo mesmo e com o outro. O psicopedagogo procura, portanto, compreender o indivíduo em suas várias dimensões para ajudá-lo a reencontrar seu caminho, superando dificuldades que impeçam um desenvolvimento harmônico e que estejam se constituindo num bloqueio da comunicação dele com o meio que o cerca.

São diversos os fatores envolvidos nos transtornos de aprendizagem: orgânicos, cognitivos, emocionais e ambientais, relacionados a três pólos de procedência: o indivíduo, a família e a escola.

Para além das causas individuais, estão as de ordem ambiental, oriundas da família, da escola e da sociedade, como um todo. São fatores intervenientes o próprio modelo de funcionamento da família e as relações aí estabelecidas; o perfil da escola, sua filosofia, metodologia e as relações advindas de sua estrutura administrativa e pedagógica; e o meio ambiente sócio-cultural com poucos estímulos.

Somente através da construção dessas parcerias é que perceberemos novas possibilidades de redefinição do sistema Família, Escola, Indivíduo para podermos atingir nossos objetivos, enquanto psicopedagogos: a criação de um novo contexto em que o sintoma de não aprendizagem desapareça, por não mais se fazer necessário.

Verifica-se que é necessário ressaltar que a tarefa de cuidar de maneira adequada de um ser em formação é extremamente difícil, pois requer que os educadores tenham capacidade de trabalhar com os conflitos gerados pela impulsão dos jovens em direção a satisfação rápida, às necessidades biopsíquico-sociais de cada momento.

A escola atual, de modo geral, apresenta maior disponibilidade em aceitar um relacionamento mais próximo com os pais. Todavia, o caminho percorrido para se chegar a tal interação foi um tanto difícil, em consequência das transformações políticas, econômicas e sociais, das rupturas de paradigmas. Os objetivos da escola, como também da família nos dias de hoje deverão procurar tornar a criança/adolescente apta a assumir responsabilidades, tomar decisões, aprender qualquer ofício, desenvolver suas habilidades, como também orientar o educando/filho na medida em que demonstre necessidade.

A escola não deve apenas visar à construção do conhecimento, mas a formação de valores, atitudes e personalidade do aluno. Então, como assegurar que a escola está cumprindo o seu papel de formação cidadã? Deve-se promover principalmente na esfera escolar a contextualização de temas atuais que mostrem ao estudante a importância de ser aluno/cidadão e que sejam, meios através dos quais ele possa se compreender melhor e compreender o mundo físico e social onde se insere, contribuindo, portanto, na elaboração de seus projetos.

A escola necessita de uma aproximação com a realidade do aluno e da própria comunidade na qual ela está inserida. O aluno precisa, também, ser incentivado a pensar por si próprio e buscar os conhecimentos de seus interesses, nas bibliotecas, museus etc. É certo

que os papéis da família e da escola, antes prioritariamente repressores, modificaram-se ao longo das últimas décadas. Nesse sentido, é importantíssima a conscientização de que a relação entre educação, escola/família/sociedade deve ser alvo de uma transformação contínua, que influencia os modelos vigentes de educação, de escola e de sociedade. As escolas devem ser mais ativas e participativas, para despertar no aluno o desejo de aprender.

O apoio e a coesão familiar podem proporcionar as crianças uma estrutura equilibrada e sadia, para crescerem e tornarem-se cidadãos conscientes de seu papel na sociedade sendo capazes de interagir e intervir na realidade. Como diz Paro (2000), a escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometido com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano. Quando se fala em vida escolar e sociedade, não há como não citar o mestre Paulo Freire (1999), quando diz que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

A escola deve buscar construir por meio de uma intervenção elaborada e consciente a criação de espaços de reflexão e experiências de vida numa comunidade educativa, instituindo acima de tudo a aproximação entre as duas instituições (família/escola). Família e escola são pontos de apoio ao ser humano; são sinais de referência existencial. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais significativos serão os resultados na formação do educando/filho. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares.

Nesse sentido, é importante que pais, professores, filhos/alunos dividam experiências, compreendam e trabalhem as questões envolvidas no seu dia a dia sem cair no julgamento "culpado x inocente", mas procurando compreender cada situação, uma vez que tudo o que se relaciona aos educandos/filhos tem a ver, de algum modo, com os pais e vice-versa, bem como tudo que se relaciona aos alunos tem a ver, sob algum ângulo, com a escola e vice-versa. A escola e a família, cada qual com seus valores e objetivos específicos na educação de uma criança/adolescente, constituem uma estrutura intrínseca, onde quanto mais diferentes são, mais necessitam uma da outra. Desse modo, cabe a toda sociedade, não apenas aos setores relacionados à educação, transformar o cotidiano da escola e da família, através de pequenas ações modificadoras, para que esta (a família) compreenda a importância dos objetivos traçados pela escola, assim como o seu lugar de co-responsável nesse processo (família).

A família e a escola formam uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir.

Ressalta-se que mesmo tendo objetivos em comum, cada uma deve fazer sua parte para que atinja o caminho do sucesso, que visa conduzir crianças e jovens a um futuro melhor. O ideal é que família e escola tracem as mesmas metas de forma simultânea, propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade.

Existem diversas contribuições que tanto a família quanto a escola podem oferecer, propiciando o desenvolvimento pleno, respectivamente dos seus filhos e dos seus alunos. Alguns critérios devem ser considerados como prioridade para ambas as partes. Como sugestões seguem abaixo alguns deles:

FAMÍLIA

- Selecionar a escola baseado em critérios que lhe garanta a confiança da forma como a escola procede diante de situações importantes;
- Dialogar com o filho o conteúdo que está vivenciando na escola;
- Cumprir as regras estabelecidas pela escola de forma consciente e espontânea;
- Deixar o filho a resolver por si só determinados problemas que venham a surgir no ambiente escolar, em especial na questão de socialização;
- Valorizar o contato com a escola, principalmente nas reuniões e entrega de resultados, podendo se informar das dificuldades apresentadas pelo seu filho, bem como seu desempenho.

ESCOLA

- Cumprir a proposta pedagógica apresentada para os pais, sendo coerente nos procedimentos e atitudes do dia a dia;
- Propiciar ao aluno liberdade para manifestar-se na comunidade escolar, de forma que seja considerado como elemento principal do processo educativo;
- Receber os pais com prazer, marcando reuniões periódicas, esclarecendo o desempenho do aluno e principalmente exercendo o papel de orientadora mediante as possíveis situações que possam vir a necessitar de ajuda;

- Abrir as portas da escola para os pais, fazendo com que eles se sintam à vontade para participar de atividades culturais, esportivas, entre outras que a escola oferecer, aproximando o contato entre família/escola;
- É de extrema importância que a escola mantenha professores e recursos atualizados, propiciando uma boa administração de forma que ofereça um ensino de qualidade para seus alunos.

É necessário que família e escola se encarem responsabilmente como parceiras de caminhada, pois, ambas são responsáveis pelo que produz, podendo reforçar ou contrariar a influência uma da outra.

A abordagem da psicopedagogia, pela multiplicidade de olhares que se integram, permite que educadores e familiares modifiquem suas atitudes frente às dificuldades de aprendizagem de qualquer pessoa, analisando-as a partir da incessante dialética entre o equipamento heredo-biológico, materializado num corpo e num organismo os ambientes nos quais o aprendiz vive e se constitui como um ser de desejos, de pensamentos e de ações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor uma reflexão sobre "Escola e família: uma relação de ajuda na formação do ser humano" constata-se que é tarefa primordial tanto dos pais, como também da escola o trabalho de transformar a criança imatura e inexperiente em cidadão maduro, participativo, atuante, consciente de seus deveres e direitos, possibilidades e atribuições. E que este ser em formação seja futuramente um cidadão consciente, crítico e autônomo desenvolvendo valores éticos, espírito empreendedor capaz de interagir no meio em que vive.

Nessa perspectiva, família e escola devem aproveitar, ao máximo, as possibilidades de estreitamento de relações, porque o ajuste entre ambas e a união de esforços para a educação das crianças e adolescentes deve redundar, sem dúvida nenhuma, em elemento facilitador de aprendizagens e de formação do cidadão.

A parceria da família com a escola sempre será fundamental para o sucesso da educação de todo o indivíduo. Portanto, pais e educadores necessitam serem grandes e fieis companheiros nessa nobre caminhada da formação educacional do ser humano.

A família é o primeiro contexto na qual a criança desenvolve padrões de socialização, deste modo, ela se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de

vida primária que vai refletir na sua vida escolar. Sendo assim, o sucesso da tarefa da escola depende da colaboração familiar ativa.

É impossível colocar à parte escola, família e sociedade, pois se o indivíduo é aluno, filho e cidadão, ao mesmo tempo, a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, porque o aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano. Sendo assim, é preciso que educadores, família e comunidade tenham claro que a escola precisa contar com o envolvimento e comprometimento de todos envolvidos em prol de seus filhos, construindo uma identidade própria e coletiva.

O psicopedagogo pode ser um promovedor de resiliência ajudando o sujeito a desenvolver autonomia, independência, novas alternativas para resolução de situações, novas reflexões para suas atitudes, aprender a lidar com as frustrações, desenvolver a criatividade, aceitar e respeitar a si mesmo e aos outros. E Bossa reitera esta constatação afirmando que:

Atualmente, a Psicopedagogia trabalha com uma concepção de aprendizagem segundo a qual participa desse processo um equipamento biológico com disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma da relação do sujeito com o meio, sendo que essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e do seu meio (2000, p. 22).

Assim, com a busca constante por novos caminhos inseridos sempre num processo de reflexão e auto reflexão sobre a prática, desenvolvendo o espírito crítico em relação à sociedade em que estamos inseridos, que podemos acenar novos caminhos para a educação.

Pensar possibilidades, pensar novos caminhos, olhar a diversidade, focar um conjunto relacional de visões múltiplas que abarquem as ciências em suas mais variadas manifestações, que se permita pensar o mundo com ares de filosofia, enfim que se permita estar mudando, experimentando, vivenciando, buscando a felicidade e fazendo-a possível para aqueles que, no nosso trabalho, na nossa vida, convivemos no cotidiano, para aqueles que queremos, desejamos que se tornem sujeitos em suas mais amplas definições sempre livres e felizes.

Somente através da construção dessas parcerias é que perceberemos novas possibilidades de redefinição do sistema – Família/Escola/Indivíduo, para podermos atingir nossos objetivos, enquanto psicopedagogos: a criação de um novo contexto em que o sintoma de não-aprendizagem desapareça, por não mais se fazer necessário.

Portando, a psicopedagogia, pode fazer um trabalho entre os muitos profissionais, visando à descoberta e o desenvolvimento das capacidades da criança, bem como pode contribuir para que os alunos sejam capazes de olhar esse mundo em que vivem, de saber

interpretá-lo e de nele ter condições de interferir com segurança e competência. Assim, o psicopedagogo não só contribuirá com o desenvolvimento da criança, como também contribuirá com a evolução de um mundo que melhore as condições de vida da maioria da humanidade.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, N. W. **Diagnóstico e tratamento das relações familiares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- EDUCAÇÃO, em revista. **Escola e família: limites desta relação**. Porto Alegre: Ano XI / nº66 / fev/mar 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOLBERT, Clarissa S. Considerações sobre as atividades dos profissionais em Psicopedagogia na Região de Porto Alegre. **Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia**. Ano 4, n.8, agosto de 1985.
- <http://aosolhosdaalma.vilabol.uol.com.br/psicopedagogiaum.htm> Acesso: 10 ago de 2009.
- PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.
- TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo: Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo: Ática, 2002.